



EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, GÊNERO E SEXUALIDADE: UM OLHAR EM TRABALHOS PUBLICADOS NOS ANAIS DO XIV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS (ENPEC) - 2023¹

EDUCACIÓN EN CIENCIAS, GÉNERO Y SEXUALIDAD: UNA MIRADA A LOS TRABAJOS PUBLICADOS EN LOS ANALES DEL XIV ENCUENTRO NACIONAL DE INVESTIGACIÓN EN EDUCACIÓN EN CIENCIAS (ENPEC) - 2023

SCIENCE EDUCATION, GENDER AND SEXUALITY: A LOOK AT PAPERS PUBLISHED IN THE PROCEEDINGS OF THE XIV NATIONAL MEETING ON RESEARCH IN SCIENCE EDUCATION (ENPEC) - 2023

Felipe Paulin Ribeiro²

Sandro Prado Santos³

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objetivo mapear as produções científicas que dialogam com gêneros e sexualidades nos anais do XIV Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC) de 2023. A partir da questão investigativa - o que tem sido discutido sobre gêneros e sexualidades na XIV edição do Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC)? – realizamos uma pesquisa bibliográfica de abordagem quanti-qualitativa. A busca das produções nos anais do referido evento foi realizada por meio de descritores. O encontro com 31 publicações foi operado em três etapas: pré-análise; leitura detalhada; e interpretação dos resultados. Os resultados apresentados nesta pesquisa reforçam que a Educação em Ciências está atrelada a campos científicos que têm produzido as noções

¹ O presente trabalho, de acordo com o disposto pelas Normas do Colegiado das Graduações em Ciências Biológicas 2024, foi formatado conforme as regras de publicação da Revista Diversidade e Educação da Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

² Graduando em Ciências Biológicas. Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, MG, Brasil. **E-mail:** agent.paulin@ufu.br

³ Professor orientador. Doutor em Educação – Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, MG, Brasil. **E-mail:** sandro.santos@ufu.br

de gênero, sexualidade, relações étnico-raciais e tais noções produzem e organizam os conhecimentos na/da área. Podemos perceber que os trabalhos encontrados acionaram diferentes atravessamentos constitutivos e inseparáveis de tais noções da configuração territorial da Educação em Ciências, ecoando e funcionando desde dentro nas/das Linhas Temáticas de constituição do XIV ENPEC.

PALAVRAS-CHAVE: Diferenças. Crítica. Epistemologia feminista. Ciências da Natureza. Levantamento bibliográfico.

RESUMEN

Este Trabajo de Conclusión de Curso (TCC) tiene como objetivo mapear las producciones científicas que dialogan con géneros y sexualidades en los anales del XIV Encuentro Nacional de Investigación en Educación Científica (ENPEC) de 2023. A partir de la pregunta investigativa - qué se ha discutido sobre los géneros y sexualidades en la XIV edición del Encuentro Nacional de Investigación en Educación Científica (ENPEC)? – realizamos una investigación bibliográfica de carácter cuantitativo y cualitativo. La búsqueda de producciones en los anales de aquel evento se realizó mediante descriptores. El encuentro con 31 publicaciones se realizó en tres etapas: preanálisis; lectura detallada; e interpretación de resultados. Los resultados presentados en esta investigación refuerzan que la Educación en Ciencias está vinculada a campos científicos que han producido nociones de género, sexualidad, relaciones étnico-raciales y dichas nociones producen y organizan conocimientos en/desde el área. Podemos ver que los trabajos encontrados desencadenaron diferentes cruces constitutivos e inseparables de tales nociones de configuración territorial de la Educación en Ciencias, haciendo eco y funcionando desde el interior de las Líneas Temáticas de constitución del XIV ENPEC.

PALABRAS-CLAVE: Diferencias. Crítica. Epistemología feminista. Ciencias Naturales. Estudio bibliográfico.

ABSTRACT

This Final Course Work (TCC) aims to map the scientific productions that dialogue with genders and sexualities in the annals of the XIV National Meeting of Research in Science Education (ENPEC) of 2023. Based on the investigative question - what has been discussed about genders and sexualities in the XIV edition of the National Meeting of Research in Science Education (ENPEC)? - we carried out a bibliographic research of a quantitative and qualitative approach. The search for productions in the annals of the referred event was carried out through descriptors. The meeting with 31 publications was operated in three stages: pre-analysis; detailed reading; and interpretation of results. The results presented in this research reinforce that Science Education is linked to scientific fields that have produced the notions of gender, sexuality, ethnic-racial relations and such notions produce and organize knowledge in/of the area. We can see that the works found triggered different constitutive and inseparable crossings of such notions of the territorial configuration of Science Education, echoing and functioning from within the Thematic Lines of constitution of the XIV ENPEC.

KEYWORDS: Differences. Criticism. Feminist epistemology. Natural Sciences. Bibliographic review.

* * *

Introdução

A temática e os desdobramentos da presente pesquisa são acontecimentos urgentes na mobilização do contexto social e da minha formação profissional⁴, sobretudo, como membro da comunidade LGBTQIAPN+⁵. Pensar os atravessamentos dos gêneros e das sexualidades com a Educação em Ciências constituem situações desafiadoras na busca por entendimentos engajados com intuito de produzir encontros cotidianos e profissionais. Considero que operar com tais aspectos no contexto da atuação profissional do/a bacharel em Ciências Biológicas é crucial para a construção de uma carreira que promove o bem-estar coletivo.

Atualmente, o debate sobre gênero e sexualidade ocupa uma posição central nas discussões sociais e políticas no Brasil, destacando-se como uma questão sensível e frequentemente polarizada. Embora o país tenha avançado em termos de reconhecimento legal e social dos direitos relacionados à diversidade sexual e de gênero, os desafios permanecem intensos, especialmente no contexto educacional. A crescente influência de movimentos conservadores e religiosos na política brasileira tem desempenhado um papel crucial na manutenção, e em alguns casos, na intensificação de um ambiente de censura e resistência à abordagem dessas temáticas nas escolas.

Como observa Richard Miskolci (2012):

Infelizmente, quase toda educação e produção de conhecimento ainda é feita em uma perspectiva heterossexista. Quando algo se apresenta como neutro, como 'científico', deve-se desconfiar de que foi feito em uma perspectiva masculina, branca, ocidental, cristã e heterossexual. Um olhar a partir das diferenças na educação implica tentar perceber os modelos, os padrões; em outras palavras, as normas e as convenções culturais que buscam se impor de forma indireta por meio,

⁴ O uso da 1ª pessoa será realizado quando estiver fazendo referência ao primeiro autor do trabalho.

⁵ L — Lésbicas: mulheres que sentem atração sexual e/ou afetiva por outras mulheres. G — Gays: homens que sentem atração sexual e/ou afetiva por outros homens. B — Bissexuais: pessoas que sentem atração sexual e/ou afetiva por mais de um gênero. T — Transgêneros: pessoas que não se identificam com seu gênero biológico e assumem uma identidade diferente da atribuída ao nascer. Nesse grupo estão ainda as travestis, que não se reconhecem no gênero masculino, mas em uma expressão de gênero feminina. Q — Queer: identidades e expressões de gênero e sexualidade que não se encaixam nas normas da heteronormatividade (de heterossexualidade ou binarismo de gênero). I — Intersexo: pessoas nascidas com características biológicas (genitais, hormônios etc.) que não se enquadram nas definições típicas de sexo masculino ou feminino. A — Assexuais, agênero ou aromânticos: aqueles que não sentem atração sexual por outras pessoas. P — Pansexuais e polissexuais: indivíduos que sentem atração sexual e/ou afetiva por outras pessoas, independentemente do gênero ou identidade de gênero. N — Não-binários: pessoas que não se identificam com nenhum gênero, ou que se identificam com vários gêneros. + — O "+" representa outras identidades e orientações sexuais não mencionadas na sigla e gêneros fluidos, reconhecendo a vasta diversidade que existe. (Fonte: **Manual de Comunicação LGBTI+**. 2ª edição. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI/ GayLatino, 2018).

por exemplo, do material didático ou das discussões correntes na mídia (p. 49).

Os apontamentos do autor revelam a profundidade com que as questões de gênero e sexualidade estão entrelaçadas com estruturas de poder social e cultural, e não somente circunscrita a um domínio restrito ao ambiente privado, particularmente na Educação.

Nos últimos anos, temos testemunhado a intensificação das ações de grupos que se opõem à inclusão de discussões sobre gênero e sexualidade nos currículos escolares, frequentemente sob o pretexto de que tais temas representam uma forma de "doutrinação" ou constituem uma ameaça aos valores tradicionais da família. Essa retórica, apoiada pela disseminação de desinformação, tem sido amplamente eficaz em criar um clima de medo e resistência na sociedade, alimentando preconceitos e reforçando estereótipos que marginalizam ainda mais as identidades que fogem à norma heteronormativa (Bento, 2011).

Essa resistência não apenas limita o debate e o entendimento sobre as complexidades da sexualidade e das identidades de gênero, mas também perpetua um ambiente escolar hostil para estudantes que não se conformam às expectativas hegemônicas de gênero e sexualidade. Isso é particularmente preocupante num momento em que o Brasil continua enfrentando altos índices de violência e discriminação contra a população LGBTQIAPN+ (Fundo Brasil, 2022)⁶. A hostilidade enfrentada por esses estudantes, que frequentemente se manifesta na forma de *bullying*, exclusão e violência física ou verbal, cria barreiras para seu pleno desenvolvimento e participação na vida escolar, reforçando a urgência de abordagens educacionais mais inclusivas e informadas.

Como sublinha Louro (2018):

Todas essas transformações afetam, sem dúvida, as formas de se viver e de se construir identidades de gênero e sexuais. Na verdade, tais transformações constituem novas formas de existência para todos, mesmo para aqueles que, aparentemente, não as experimentam de modo direto. Elas permitem novas soluções para as indagações que sugeri e, obviamente, provocam novas e desafiantes perguntas. [...] A sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas é social e política. O segundo, ao fato de que a sexualidade é 'aprendida', ou melhor, é construída, ao longo de toda a vida, de muitos modos, por todos os sujeitos (p. 5).

⁶ Informações retiradas do site: <<https://www.fundobrasil.org.br/>>

Essa visão coloca a sexualidade não apenas como uma questão íntima, mas como um fenômeno social profundamente entrelaçado com questões de poder, cultura e política. Preciado (2011) aprofunda essa discussão ao afirmar que a sexualidade se torna:

[...] uma das formas dominantes da ação biopolítica no capitalismo contemporâneo. Com ela o sexo (os órgãos chamados 'sexuais', as práticas sexuais e também os códigos da masculinidade e da feminilidade, as identidades sexuais normais e desviantes) faz parte dos cálculos do poder, fazendo dos discursos sobre o sexo e as tecnologias de normalização das identidades sexuais um agente de controle sobre a vida (p. 1).

Essas práticas de controle sobre o corpo e a sexualidade, através de discursos normatizadores, como destacado pelo autor, se manifesta, também, nos diferentes espaços educativos escolares. As normas de gênero e sexualidade são reguladas por meio de práticas educacionais que reforçam o que é considerado normal ou desviante. A negação ou a omissão de discussões sobre essas temáticas no ambiente escolar, portanto, não é um ato neutro, mas sim uma escolha política que perpetua desigualdades. Compreendemos, a partir de Butler (2017), que quando as escolas silenciam discussões sobre as diversas formas de expressão de gênero e sexualidade, elas não apenas negam a realidade dos/as estudantes, mas também produzem e perpetuam um ambiente de exclusão e preconceito.

No âmbito do contexto escolar reconhecemos, historicamente, os espaços das disciplinas da área do Ensino de Ciências e do Ensino de Biologia como instâncias que operam na construção de saberes sobre corpos, gêneros e sexualidades fortemente ligados aos aspectos biológicos, como o sistema reprodutor, morfologia, fisiologia, Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's), etc. Isso reforça um atrelamento da sexualidade ao caráter biológico, ocasionando em uma perpetuação de pré-conceitos e estereótipos heteronormativos. Os currículos, ainda hoje, reproduzem e compõem referentes normativos de gênero e de sexualidade que legitimam uma única forma de vivenciar a sexualidade, a heterossexualidade.

Diante desse cenário, a urgência em resgatar e ampliar essas discussões, para além dos contextos operativos das disciplinas escolares de Ciências e Biologia, é essencial para que outros diálogos sejam possíveis na Educação em Ciências, preparando os/as estudantes não apenas para compreender o mundo natural, mas também para atuar de forma crítica e ética em uma sociedade plural. Assim, não estamos apenas ensinando Ciências, mas promovendo uma transformação social,

ênfatizando a responsabilidade educacional em formar cidadãos conscientes e empáticos.

Neste contexto, as discussões de gênero e sexualidade no âmbito da Educação em Ciências têm se tornado o foco de investigação deste presente trabalho. Interessados em compreender e analisar as discussões engendradas com gêneros e sexualidades na Educação em Ciências, escolhemos como o espaço da pesquisa a última edição do Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC), que aconteceu em 2023 na cidade de Caldas Novas, Goiás. A questão de pesquisa que nos movimentou foi assim delineada: **o que tem sido discutido sobre gêneros e sexualidades na XIV edição do Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC)?**

Assim, a partir dessa introdução, apresentamos os objetivos geral e específicos que registram os desenhos escolhidos para a composição da presente investigação. Em seguida, apresentamos a perspectiva teórica que aponta as interfaces e imbricações entre a Educação em Ciências, os gêneros e as sexualidades; os caminhos metodológicos do trabalho; a apresentação, discussão e análises dos dados; e, por fim, encerramos o texto com algumas considerações à área de Educação em Ciências.

Revista
Diversidade
 e Educação

Objetivos

Objetivo geral

Mapear as produções científicas que dialogam com gêneros e sexualidades no XIV Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC).

Objetivos específicos

- Identificar as linhas temáticas que estão associadas às produções científicas sobre gênero e sexualidade;
- Apontar as temáticas mais insurgentes, dos campos dos estudos de gênero e sexualidade que atravessam a Educação em Ciências;
- Descrever as principais críticas e contribuições das produções científicas em gênero e sexualidade à Educação em Ciências.

Educação em Ciências, gêneros e sexualidades: interfaces imbricadas

Partimos do pressuposto que a Educação em Ciências produzem inúmeros modos de conhecer as diferenças em conexões com os gêneros e as sexualidades, configurando territórios movimentados por relações de poder-saber (Foucault, 1995), jogos de verdade, composição de dispositivos, linhas de forças e enfrentamentos. Diante deste contexto, consideramos o gênero (Zago, 2014) e a sexualidade dispositivos (Foucault, 1979) que, historicamente, ocupam, tencionam, disputam e constituem movimentações curriculares nos espaços educativos escolares, sobretudo no campo da Educação em Ciências (Ranniery; Lemos, 2018).

Neste sentido, apostamos na compreensão da Educação em Ciências como territórios movimentados por diretrizes curriculares, relações de poder-saber; linhas de forças e enfrentamentos; multiplicidade de conexões, fluxos curriculares e alianças com linhas de diferentes segmentaridades e de fugas (Deleuze; Guattari, 2012).

Ao assumirmos que a territorialidade da Educação em Ciências está atrelada a campos científicos que têm produzido as noções de gênero e sexualidade, temos nos afastado das enunciações que reforçam a intocabilidade dessas noções como regimes políticos a partir do qual se produz e organiza conhecimentos na/da Educação em Ciências e tensionando os modos de construção do pensamento que têm insistido na produção (constituição) e reiteração de relações dicotomizadas entre Educação em Ciências x gênero x sexualidade x raça/etnia, acionando limites na compreensão dos atravessamentos constitutivos e inseparáveis (dos gêneros, das sexualidades e das relações étnico-raciais) da configuração territorial da Educação em Ciências, ecoando e funcionando desde dentro em suas práticas educativas, curriculares e formativas (Carvalho, 2020).

A partir dessa perspectiva analítica do território da Educação em Ciências, quando as discussões de gêneros e sexualidades são acionadas, conseguimos operar com ele através de linhas de diferentes naturezas, ritmos e direções que co-existem e atravessam os (re)arranjos territoriais. Nesta seara, podemos encontrar de maneira recorrente pelos territórios as linhas que operam com enunciações: *ora* com camadas que têm oferecido possibilidades de mobilização de forças de combate à lógica da regulação e do controle dos regimes de gênero e sexualidade, provocando-nos a vibrar, para além da excepcionalidade biológica, *ora* camadas que produzem justificativas para a interdição e estriamento de qualquer possibilidade de diferenças com os gêneros e as sexualidades.

Diante disso, a perspectiva da presente investigação é promover um espaço de diálogos com os fluxos distintos e co-existentes nas constituições territoriais da Educação em Ciências (Santos, 2018; Santos, 2021). Por um lado, tensionando os fluxos que estão implicados “[...] na produção de elementos de homogeneização, de regulação, de interdição, da binarização, da neutralidade, da representação, invariabilidade, estabilização, vontade de saber-poder, de uma totalidade orgânica, constâncias e universalizações” (Santos; Martins; Silva, 2021, p. 327), bem como aliançado em práticas de ordenamentos e normalizações da masculinidade, cisnormatividade e da branquitude (Marín; Nascimento, 2021); e, de outro, com os possíveis encontros que extravasam perspectivas, para pensarmos os estudos de gênero, sexualidade e Educação em Ciências, além da única narrativa anatomo-fisiológica, cisheteronormativa e da branquitude, oferecendo caminhos possíveis de pensamento e de práticas outras nas formas de narrar (e constituir) a Educação em Ciências.

Procedimentos Metodológicos

A presente pesquisa se enquadra como bibliográfica (Lima; Miotto, 2007) de abordagem quanti-qualitativa, pois, consiste em um levantamento das discussões sobre gênero e sexualidade que são mobilizadas e produzidas nos territórios da Educação em Ciências.

O objeto de pesquisa trata-se das produções científicas (artigos científicos) que entrelaçam as discussões de gênero, sexualidade e a Educação em Ciências, publicadas nos anais do XIV Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC), este constituindo o nosso campo de pesquisa.

Os Encontros Nacionais de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC's) são realizados bianualmente e promovidos pela Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências (ABRAPEC)⁷. Eles têm como objetivo reunir e favorecer a interação dos/as pesquisadores/as das áreas de Educação em Biologia, Física, Química e

⁷ Foi fundada em 29 de novembro de 1997 como uma sociedade civil, de caráter científico e educacional, sem fins lucrativos e sem filiação político-partidária. A ABRAPEC tem por finalidade promover, divulgar e socializar a pesquisa em Educação em Ciências, por meio da realização de encontros de pesquisa e de escolas de formação de pesquisadores, da publicação de boletins, anais e revistas científicas, bem como atuar como órgão representante da comunidade de pesquisadores em Educação em Ciências junto a entidades nacionais e internacionais de educação, pesquisa e fomento. Disponível em: < <https://abrapec.com/sobre/>>. Acesso em 14 de outubro de 2024.

áreas correlatas, com a finalidade de discutir trabalhos de pesquisa recentes e tratar de temas de interesse da ABRAPEC⁸.

O XIV ENPEC aconteceu entre os dias 02 e 06 de outubro de 2023, no Centro de convenções DiRoma e na Universidade Estadual de Goiás - Caldas Novas/GO. O tema geral da edição “Pensar o conhecimento e agir em sociedade” compôs um conjunto de discussões sobre a pluralidade epistemológica presente nas pesquisas em Educação em Ciências e seus desdobramentos político-sociais no contexto atual do Brasil e do mundo, particularmente, quanto à valorização do conhecimento e sua relação com a ação humana, tais como: a solidariedade, o cuidado com bem comum, a cidadania, a inclusão, a comunicação, dentre outras ações que são objetos de estudos em Educação em Ciências⁹.

A busca pelas produções científicas foi realizada no site da Realize Eventos¹⁰ em que encontramos disponíveis os anais do referido encontro. As produções são artigos científicos que foram apresentados durante o evento na modalidade de comunicação oral e estavam associadas às respectivas Linhas Temáticas (LT's), do XIV ENPEC.

No site, a busca pelos trabalhos pode ser feita pelos filtros - título/autor/modalidade/área temática. Para a busca das produções, utilizamos o filtro “título do artigo” com a escolha de alguns descritores. O processo de seleção envolveu a utilização de descritores específicos como “gênero”, “sexualidade”, “LGBTQIAPN+”, “diversidade sexual”, “mulher”, “feminismo”, “machismo”, “sexo”, “educação sexual”, “educação para a sexualidade”, “homossexualidade”, “transexualidade”, “pessoas trans”, “travesti”, “queer”, garantindo que o material analisado tivesse uma relação direta com a temática investigada. A partir de cada busca, identificávamos o título, as palavras-chave e os resumos dos textos encontrados. Os textos que contemplassem o objetivo de pesquisa pretendido eram incluídos no *corpus* de análise. Aqueles que eram repetidos (em duplicidade) em função de um determinado descritor ou não apresentavam relação com o objetivo da pesquisa eram excluídos. Após a busca, para organização dos dados, foi criada uma tabela no *Excel*, compondo o **Quadro 01**, que segue como anexo do trabalho. Neste, temos a identificação de cada trabalho por um número, que será utilizado para identificá-los ao longo da seção ‘Resultados e

⁸ Informações retiradas do site: <<https://www.enpec2023.com.br/>>

⁹ Informações retiradas do site: <<https://www.enpec2023.com.br/>>

¹⁰ editorarealize.com.br/edicao/detalhes/anais-do-xiv-encontro-nacional-de-pesquisa-em-educacao-em-ciencias

discussões’, além de apresentar seus títulos, autorias, LT’s e palavras-chave correspondentes.

Os arquivos dos trabalhos foram baixados e armazenados em pastas para que pudesse ser feita a leitura posteriormente. Nesse sentido, o nosso *corpus* de análise foi constituído de 31 artigos selecionados.

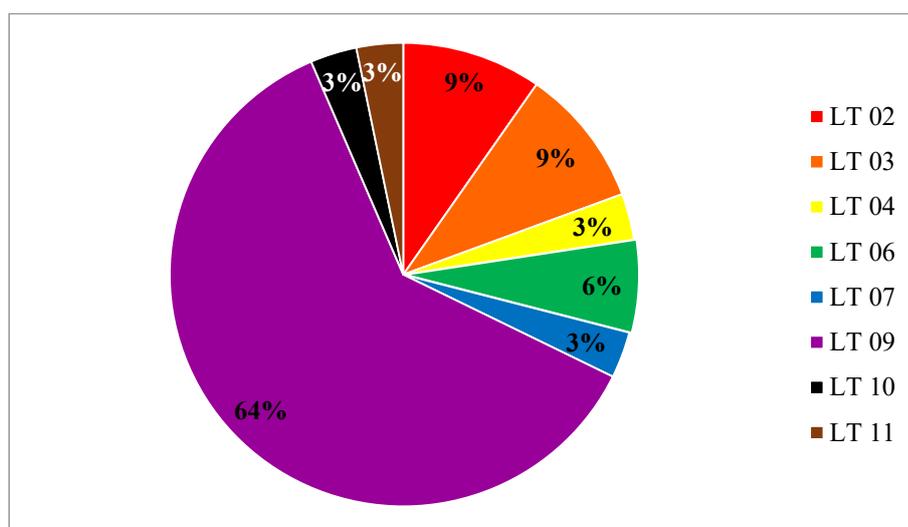
A análise das 31 produções científicas foi realizada em três etapas, conforme sugerido por Lüdke e André (2013): (1) pré-análise, com uma leitura inicial para a organização dos textos e identificação dos temas centrais; (2) leitura detalhada, focada na extração de dados pertinentes ao tema de estudo; e (3) interpretação dos resultados, onde foram identificadas as principais críticas e contribuições das produções científicas em gênero e sexualidade à Educação em Ciências. O uso de quadros e gráficos permitiu a sistematização dos dados sobre a frequência das LT’s que estão associadas às produções científicas e dos temas mais insurgentes dos campos dos estudos de gênero e sexualidade, que atravessam a Educação em Ciências.

Resultados e Discussão

A partir do **Quadro 01**, direcionamos o olhar para compreender em quais LT’s estão localizados os trabalhos que se debruçam sobre a discussão de gênero e sexualidade. O **Gráfico 01** apresenta o percentual da quantidade de trabalhos selecionados e suas respectivas LT’s. A **LT09** concentrou uma maior quantidade de proposta, com 19 trabalhos (64%), indicando uma linha endereçada com perspectivas mais próximas às discussões com os gêneros, as sexualidades e a Educação em Ciências. Na **LT02 e LT03** encontramos três produções (9%), e na **LT06** dois trabalhos (6%). Já nas **LT’s 04, 07, 10 e 11** apenas um (3%) cada, sendo estas as LT’s com o menor número de trabalhos produzidos.

Defendemos que as LT’s – Ensino e Aprendizagem de Conceitos e Processos Científicos (**LT01**); Educação Ambiental e Educação do Campo (**LT05**); Educação CTS/CTSA e Alfabetização Científica e Tecnológica (**LT08**); Questões Teóricas e Metodológicas da Pesquisa (**LT12**), mesmo não sendo contempladas no escopo dos trabalhos selecionados, podem apresentar potentes contribuições para as discussões de gênero e sexualidade, entretecidas com a Educação em Ciências.

GRÁFICO 01: Número de trabalhos por Linha Temática



Fonte: Anais do XIV ENPEC (2023)

A discussão dos trabalhos, junto às respectivas LT's, revela a riqueza e a complexidade de disputas dos gêneros e das sexualidades nos territórios da Educação em Ciências, uma vez que encontramos produções em LT's que versam sobre a formação de professores/as (1, 2, e 3); a História, Filosofia e Sociologia da Ciência (4, 5 e 6); a Educação em espaços não-formais e na divulgação científica (7); a Educação em Saúde (8 e 9); nas linguagens e discursos (10); nos processos, recursos e materiais educativos (30); nas políticas educacionais e currículos (31); e, sobretudo, no campo da diferença, multiculturalismos e interculturalidade (11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, e 29).

Os diálogos com a **LT02** objetivaram pensar com a formação de professores/as: as contribuições da epistemologia feminista e o tensionamento da invisibilidade das contribuições científicas das mulheres na Educação em Ciências (1); os limites e as possibilidades, no contexto do Ensino Remoto Emergencial (ERE), das práticas de Educação Sexual (2); as necessidades formativas docentes sensíveis às questões de gênero e sexualidade (3).

Os trabalhos que compõem a **LT03**, considerando a importância da discussão dos processos da Ciência, pontuaram: as contribuições dos movimentos feministas, tanto através da crítica feminista à ciência, quanto das suas dimensões propositivas à uma educação científica que procure demonstrar a Ciência como histórica, mutável e política (4); a pouca visibilidade a respeito da contribuição de mulheres na História da Ciência, sobretudo nas Ciências Exatas e de pesquisas que têm como foco compreender quais razões dessa ocorrência (5); e, a trajetória pessoal e científica de Irène Curie como

aposta da intensificação da presença feminina na história da Ciência, sobretudo no ensino de Química, apesar de uma área ainda pouco explorada (6).

Na **LT06**, as propostas acionam: a educação sexual, a educação popular em saúde e os clubes de Ciências escolares como espaço extracurricular de popularização da Ciência, divulgação científica e alfabetização científica (8); e, abordagens escolares da temática violência contra a mulher e suas perspectivas em documentos oficiais de ensino (9).

Nas **LT's 04, 07, 10 e 11**, os trabalhos investigam: a representação da mulher cientista em mídias japonesas da cultura pop (7); ações relacionadas à produção de saberes, de tecnologias disciplinares na escola e da vigilância da sexualidade como um conjunto de dispositivos foucaultianos para visibilizar o enfrentamento da discriminação contra a homossexualidade no ambiente escolar (10); a possibilidade de criação de um recurso didático, um jogo de cartas, como estratégia metodológica para um programa de “educação para a sexualidade” no currículo escolar (30); e, o modo como as vivências de pessoas trans se constituem historicamente nas escolas brasileiras a partir de vídeos na internet (31), respectivamente.

O conjunto dos trabalhos da **LT09** nos instiga a pensar a diferença, o multiculturalismo e interculturalidade na Educação em Ciências em diálogos com: os tensionamentos da implantação da chamada “ideologia de gênero” (11); a problematização do caráter androcêntrico do Ensino de Ciências (12); a realidade das meninas e mulheres brasileiras que visam seguir na área das Ciências e seus exemplos de cientistas (13); os aspectos dos direitos humanos e questões de gênero no ensino de Ciências - com ênfase na Química - na Educação Básica (14); problematizações das noções de gênero e sexualidade nas aulas de Ciências, partindo dos discursos docentes (15); as linhas de gêneros e sexualidades, com seus usos maiores e menores à Educação em Biologia a partir de composições curriculares que se desenham no âmbito da área das Ciências da Natureza e suas tecnologias (16); a visibilidade do trabalho docente de mulheres no Ensino Superior (17); elementos discursivos que podem contribuir para a (re)produção de padrões estereotipados quanto às identidades femininas, a partir da protagonista joaninha em livros infantis (18); as experiências de professores de Ciências e Biologia com as ações e reações a contrapelo de discursos e demandas conservadoras que incendeiam a sociedade brasileira (19); reflexões sobre os movimentos feministas no Brasil, apresentando a crítica feminista a Ciência (20); as percepções de famílias de estudantes da “Educación secundaria” na Colômbia sobre a inclusão de abordagens

antirracistas e de diversidade sexual e de gênero na Educação Científica escolar de crianças e jovens (21); a organização das pesquisas relacionadas ao ensino de Física e gênero nas universidades (22); abordagens associadas às epistemologias feministas em diálogo com questões relevantes para o Ensino de Ciências (23); a (in)existência de discurso antirracista e antimachista em Livros Didáticos de Ciências da Natureza voltados ao Ensino Médio (22); as discussões com viés de gênero e Ciência-Tecnologia no ensino de Física (25); aspectos de Natureza da Ciência (NdC) e gênero para uma visão menos sexista no Ensino de Ciências e de Biologia (26); o conhecimento sobre como as relações de gênero estão relacionadas com a formação de professores/as de Ciências no Brasil (27); as principais lacunas mencionadas pelos trabalhos de gênero e sexualidade no Ensino de Química (28); e, o debate sobre gênero e sexualidade através das perspectivas da diversidade e da diferença em aulas de Biologia (29).

Neste sentido, destacamos que a Educação em Ciências e seus desdobramentos no campo da formação docente; da história, filosofia e sociologia da Ciência; na Educação em espaços não-formais e na divulgação científica; linguagens e discursos; diferença, multiculturalismo e interculturalidade; da Educação em Saúde; dos processos, recursos e materiais educativos; e nas políticas educacionais e currículo, tem sido gradualmente desafiada e atravessada pelas demandas dos estudos de gênero e sexualidade.

Com o conjunto de trabalhos selecionados, podemos descrever as principais críticas e contribuições das produções científicas em gênero e sexualidade à Educação em Ciências.

Os trabalhos da **LT02** apontaram uma crítica do uso do patriarcado e da epistemologia biologizante como narrativas dominantes no campo da formação de professores/as, apostando na indispensabilidade da mobilização de saberes docentes para que “[...] os professores estejam aptos para lidar com situações de opressão no cotidiano escolar e que tenham subsídios para promover superação de desigualdades e preconceitos” (**Trabalho 3**, p. 9-10). Neste contexto, destacamos que a Educação em Ciências tem sido, gradualmente, desafiada a reconhecer e incorporar a epistemologia feminista nos processos formativos docentes para que, dessa forma, possam “[...] criar um espaço favorável para dialogar com professores sobre sua formação, colocando-os como protagonistas no processo de construção de seus processos formativos (**Trabalho 3**, p. 9).

Nesta linha temática, os trabalhos trouxeram críticas na produção do conhecimento científico como reflexos das demandas políticas e sociais dentro do contexto do fazer científico em que “a presença feminina na história da Ciência tem sido cada vez mais reconhecida, entretanto, esta é uma área que ainda pode ser explorada” (**Trabalho 6**, p. 1).

A participação das mulheres em atividades científicas sempre foi presente, entretanto, o que se tem buscado atualmente é trazer visibilidade a estas mulheres, abordar a Ciência como algo que pode ser feito entre homens e mulheres e com isso incentivar as estudantes a seguirem carreiras científicas, abandonando os estereótipos de gênero (**Trabalho 5**, p. 3).

[...] as razões principais que justificam a participação da mulher nas Ciências Exatas, nos dias de hoje, são atribuídas ao desenvolvimento histórico da Ciência, os estudantes fundamentam dizendo que em tempos passados a mulher era vista como incapaz, e as Ciências Exatas eram vistas como algo impossível para mulheres. Isto é, a questão histórica é dada como possível justificativa para que, nos últimos dias, a participação feminina tenha tido um aumento em cursos de Ciências Exatas (**Trabalho 5**, p. 11).

Eles fomentaram uma crítica e urgência de revisão das categorias rígidas que constroem e vetorializam a Educação Científica:

Os estudos feministas sobre as epistemologias científicas romperam não apenas com os modelos científicos nutridos de hierarquia, mas também os pressupostos hegemônicos ali contidos. Essa quebra indica buscar outras vias de organização da produção do conhecimento e enfatiza a integração com as diversas realidades sociais, reflexões e experiências femininas para assim construir um conhecimento mais coletivo (**Trabalho 4**, p. 7).

Os trabalhos (4, 5 e 6) ofereceram uma perspectiva mais inclusiva e diversa para a produção de conhecimento/produção científica legitimando e retirando da marginalidade os saberes do feminismo como fontes legítimas de conhecimento, como podemos perceber no reconhecimento e apresentação da história de Irène Joliot-Curie no trabalho (6):

[...] ao reconhecer e apresentar a história de Irène como mulher, filha, mãe, esposa, amiga, cientista e nobelista, entendemos que nossa abordagem colaborou para o tensionamento do estereótipo individualista e masculino da Ciência. O que permite-nos destacar o lugar de Irène na história da Ciência, considerando: suas participações em eventos científicos importantes; cooperações com outros pesquisadores historicamente reconhecidos; atuação profissional articulada às questões políticas da época; e, é claro, seu trabalho sobre radioatividade artificial que abriu portas na Física e Química nuclear. Portanto, a importância de registros sobre feitos femininos e a atribuição de valor aos produtos da prática feminina na história se

mostram indispensáveis para o estudo da história e natureza da Ciência (**Trabalho 6**, p. 10-11).

Na **LT04** “Educação em Espaços não-formais e Divulgação Científica”, encontramos apenas um trabalho. O trabalho (7) apresentou críticas à invisibilidade do protagonismo científico da mulher através de animes como Pokémon, Naruto, Dragon Ball e Full Metal Alchemist. Os animes nos interpela com reflexões da realidade machista que vivemos e do lugar da mulher na Ciência, com uma percepção histórica dessa segregação. As contribuições apresentadas dialogam com a aposta de que: i) a representação positiva de mulheres cientistas poderia inspirar jovens meninas a seguir carreiras nas Ciências; ii) as personagens femininas competentes e respeitadas em animes incentiva a autoestima e o interesse em campos científicos; e, iii) as representações não apenas enriquecem as narrativas dos animes, mas também têm um impacto significativo na percepção cultural da mulher na Ciência.

No âmbito da divulgação científica, tal trabalho trouxe uma investigação da representação da atuação feminina no âmbito dos enredos de animes nos interpelando para um “[...] processo de reflexão sobre o uso dos produtos da Ciência e da Tecnologia [...] como uma possibilidade também de levantar a possível superação de estereótipos [...] com relação à mulher” (**Trabalho 7**, p. 3).

[...] compreendemos a partir dos dados levantados que o papel da mulher na Ciência é uma pauta no enredo dos animes, observando o recorte feito. Para aprofundamento dos olhares, há a possibilidade de explorar mais episódios desses, de outros animes e de outros elementos da cultura pop, na perspectiva de articular linguagens, vivências, compartilhamento de conteúdo e constituição de culturas mediadas por esse conteúdo, com os objetivos da divulgação científica e debate sobre temas na sociedade que demandem do olhar da Ciência e para a Ciência. Recomendamos novos estudos sobre a figura feminina na Ciência pelo olhar da ficção e sobre outros aspectos sociais, históricos, procedimentais e conceituais, que possam promover esse diálogo (**Trabalho 7**, p. 10).

No âmbito da **LT06**, a aposta em outros espaços para os diálogos com os gêneros e as sexualidades no âmbito da escola, sobretudo no Ensino de Ciências, foi o tomo das discussões. Tal aposta está na compreensão de que:

[...] as práticas pedagógicas não são neutras, [implicando] pensar nas escolas como espaços de produção de experiências que atuam na constituição de subjetividades, portanto os ambientes escolares são lugares em que, a partir das vivências e experiências, os estudantes constituem se sujeitos únicos (**Trabalho 9**, p. 4), evidenciando a urgência de se fazer [...] uma educação em que se busque articular atividades em diferentes espaços educativos (**Trabalho 9**, p. 10).

[...] trabalhar a temática violência contra as mulheres nas escolas por meio de temas, como por exemplo, consentimento, papéis de gênero e conhecimento do corpo, se constituem um instrumento inicial para pensar sobre ações que podem ser propostas e postas em prática nas aulas de Ciências e outros espaços escolares, visando o debate de temáticas sobre violência contra mulheres e sobre as compreensões dos corpos (**Trabalho 9**, p. 10).

Na **LT07** “Linguagens e discursos”, temos apenas o trabalho (**10**). Este, na perspectiva de ruptura de discursos discriminatórios de uma sexualidade referenciada na heterossexualidade (como invenções sócio-históricas, logo, passíveis de novas compreensões), considerou as contribuições do pensamento de Michel Foucault, sobretudo na Educação do Ensino de Biologia e de Ciências para tensionar a discriminação contra a homossexualidade. A partir de Foucault, o trabalho aponta para a existência de “[...] uma rede discursiva em torno da sexualidade humana que alimenta práticas discursivas amarradas por relações de poder-saber, produtoras de suas verdades, consumidas pelos indivíduos como absolutas, inquestionáveis e imutáveis” (**Trabalho 10**, p. 2) e que é possível resistir a tal enredamento e rediscuti-la, pois não é dado absoluto/imutável. Há maneiras de tencioná-la na esteira da ordem discursiva “[...] que se constitui em uma sociedade historicamente marcada por uma cultura machista e patriarcal, cuja produção de efeitos de verdade é o posicionamento da homossexualidade na condição de doença, pecado e/ou anormalidade” (**Trabalho 10**, p. 1).

A discussão de temas, como dignidade humana, solidariedade, direitos humanos, afetividade, desejo, sexualidade, diversidade sexual e gênero entre outros, sob a base de posições teóricas em curso, podem subsidiar ações reflexivas em processos formativos e, até mesmo, em sala de aula sobre a homossexualidade como objeto científico, já que os objetos científicos não são neutros, dados ou absolutos, mas estão expostos à rediscussão, que de certo modo, nos força a repensar acerca do já sabido (**Trabalho 10**, p. 12).

Na **LT09** “Diferença, multiculturalismo e interculturalidade” há 19 trabalhos que serão apresentados a seguir (**11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28 e 29**).

No âmbito da **LT09**, o que temos no âmbito dos 19 trabalhos e que conversam com “Diferença, multiculturalismo e interculturalidade” é que esses trabalhos, como um conjunto, apontam para uma visão de Educação em Ciências que se compromete com a justiça social e a transformação das relações de poder. A integração de discussões sobre gênero, raça e sexualidade no currículo escolar é vista como essencial para construir

uma sociedade mais inclusiva e equitativa, que valorize as diferenças culturais e pessoais dos/as estudantes. Os trabalhos, ao integrar discussões sobre gênero, raça e sexualidade nos currículos escolares, argumentam que é possível não apenas questionar e desconstruir normas historicamente estabelecidas, mas também construir um espaço educativo que valorize a pluralidade das identidades e experiências dos/as estudantes.

Neste contexto, encontramos trabalhos que extravasam perspectivas, para pensarmos as articulações entre gênero, sexualidade e Educação em Ciências, além da visão colonial que exclui a diversidade racial e de gênero, oferecendo caminhos possíveis de pensamento e de práticas outras nas formas de narrar (e constituir) diferentes áreas da Educação em Ciências: Química, Física e Biologia.

Há a tonalidade de enunciações que reforçam a Educação Científica enquanto uma ferramenta de crítica ao slogan da “Ideologia de gênero”, do Movimento Escola sem Partido, de questionamento da heteronormatividade e da branquitude no currículo da área de Ciências. Visibilizam camadas que têm oferecido possibilidade de aproximações com os estudos *queer*, os estudos decoloniais, e, sobretudo com as epistemologias feministas na tentativa de construção de um currículo problematizador na Educação em Ciências, nos espaços educativos da formação inicial e continuada de professores/as, da literatura infantil, das políticas públicas e do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID). Podemos destacar o reconhecimento e a urgência das experiências de mulheres, mulheres negras, indígenas e LGBTQIA+ nas áreas das Ciências, da Ciência-tecnologia, da comunidade científica e das pesquisas brasileiras, como desafiadoras da história do fazer-se Ciência e da construção do conhecimento científico circunscritos na visão de uma neutralidade científica; despartada de questões sociais e culturais; cisnormativa e androcêntrica.

Por um lado, o conjunto de trabalhos tensiona os fluxos que estão implicados no não reconhecimento da diferença e de práticas transgressoras nos espaços educativos/políticos, bem como aliançados em práticas racistas, sexistas e misóginas na Educação Científica. Um conjunto que enriquece a produção do conhecimento científico e abre, também, espaço para visibilidades e possibilidades de exercícios de *uma educação menor* nos espaços/territórios da Educação em Ciências que como uma força criativa e transformadora faça insurgir saídas inventivas as epistemologias cisnormativas, patriarcais, biolozigantes e brancocêntricas.

Na **LT10** “Processos, recursos e materiais educativos”, o trabalho **(30)** propõe um jogo de cartas como estratégia metodológica para um programa de “*educação para*

a *sexualidade*¹¹” no currículo escolar. Ele busca desmistificar estereótipos e preconceitos sobre gênero e sexualidade, promovendo uma compreensão das identidades como construções socioculturais. Ao refletir sobre a diversidade nas relações familiares e identitárias, o jogo visa preparar os/as estudantes para o exercício da cidadania plena, permitindo discussões informadas sobre sexualidade, gênero e poder, e estimulando uma abordagem educacional inclusiva e crítica.

Na presente LT, o jogo compreendeu uma estratégia metodológica no currículo escolar, acionando o entendimento de que:

[...] a sexualidade como um construto histórico e sociocultural nos currículos é necessária para uma educação que não reduza a sexualidade ao sexo, que não promova ou reforce estereótipos e que seja capaz de educar sobretudo para a diversidade (**Trabalho 30**, p.10).

Na **LT11** “Políticas Educacionais e Currículo”, o trabalho (**31**) reflete sobre o ensino de Biologia a partir da investigação de narrativas de pessoas trans sobre escolas brasileiras postadas na rede social *Youtube*, contribuindo para a construção de outras narrativas, em um movimento contra hegemônico. O trabalho aponta para a existência de outros tipos de conduta que produzem formas de resistência e rotas de fuga que percebem a escola e os currículos possibilitando não só a sobrevivência em meio à violência e morte, mas como produtores da vida.

Na **LT11**, o trabalho aponta o *Youtube* como operador de políticas educacionais e currículo, pois é nessa rede em que são colocadas em funcionamento:

[...] ‘estratégias’ [...] para abordar as vidas trans na escola; é nela que os sujeitos se movimentam e se subjetivam em meio a jogos de poder e saber. Em meio às formas de violência, a crescente existência desses vídeos nos mostra formas de resistência e rotas de fuga que percebem a escola e os currículos como produtores da vida (**Trabalho 31**, p.1).

Tais redes, mesmo que pequenas, vão criando nas brechas “[...] espaços outros de existência dos corpos trans, o que inclui a escola. Assim, ainda que habitemos um meio social no qual a política sobre corpos travestis, transgêneros e transexuais é a de morte, existem processos de fabricação da vida” (**Trabalho 31**, p.8).

A crescente existência de vídeos produzidos por sujeitos transgêneros que narram seus modos de ser trans na escola nos mostra que, para além da violência acometida, há outros tipos de conduta que produzem formas de resistência e rotas de fuga que percebem a escola

¹¹ Uma educação que é “[...] produtora de sentido, realça o papel da educação que necessariamente assume verdades de maneira provisória, e assim problematiza práticas e conhecimentos dados como naturais. Se insistíssemos em uma educação sexual, as abordagens seriam meramente direcionadas a uma abordagem anatômica/fisiológica, o que limitaria as ações ao campo único da Biologia” (**Trabalho 30**, p. 2).

e os currículos possibilitando não só a sobrevivência em meio à violência e morte, mas como produtores da vida. Defendemos, mais uma vez, que a pesquisa no Ensino de Ciências pode contribuir para esse processo ao estreitar a conversa com Michel Foucault e com os curriculistas que com ele dialogam (**Trabalho 31**, p.9).

Considerações Finais

O presente trabalho teve como objetivo analisar os debates e a produção no/do campo da Educação em Ciências a respeito da discussão de gênero e sexualidade, a partir dos trabalhos publicados nos anais do XIV ENPEC em 2023.

Os resultados reforçam que a Educação em Ciências está atrelada a campos científicos que têm produzido as noções de gênero e sexualidade e tais noções produzem e organizam conhecimentos na/da área. Podemos perceber que os trabalhos encontrados acionaram diferentes atravessamentos constitutivos e inseparáveis (dos gêneros, das sexualidades e das relações étnico-raciais) da configuração territorial da Educação em Ciências, ecoando e funcionando desde dentro nas/das LT's de constituição do XIV ENPEC.

No âmbito da “Formação de professores/as”, a Educação em Ciências tem sido, gradualmente, desafiada a reconhecer e incorporar a epistemologia feminista nos processos formativos docentes, problematizando o uso do patriarcado e da epistemologia biologizante como narrativas dominantes no campo da formação de professores/as.

Com a “História, Filosofia e Sociologia da Ciência” temos a operação da produção de conhecimento científico, legitimando e retirando da marginalidade dos saberes do feminismo como fontes legítimas de conhecimento. O espaço da “divulgação científica” foi apontado como uma possibilidade de problematizar a figura feminina na Ciência. Nos “Processos, Recursos e Materiais Educativos” o jogo didático foi apontado como uma estratégia metodológica no que pode acionar entendimentos da sexualidade como um construto histórico e sociocultural nos currículos escolares. Os vídeos do *Youtube* foram mobilizados como operadores de “Políticas educacionais e Currículo” na criação de espaços outros de existência dos corpos trans. Espaço que cria formas de resistência e rotas de fuga, possibilitando não só a sobrevivência em meio à violência e morte, mas como produtores da vida.

Em “Educação em Saúde e Educação em Ciências” a aposta foi na criação de outros espaços educativos na produção de subjetividades a partir dos diálogos com os

gêneros e as sexualidades. Com as “Linguagens e Discursos” os questionamentos foram endereçados para a rede discursiva, produtoras de verdades, em torno da (homo)sexualidade que alimenta práticas discursivas amarradas por relações de poder-saber.

Nas alianças com “Diferença, Multiculturalismo e Interculturalidade” encontramos um conjunto de trabalhos que tensionaram os fluxos que estão implicados no não reconhecimento da diferença e de práticas transgressoras nos espaços educativos/políticos, bem como aliançados em práticas racistas, sexistas e misóginas da/na Educação Científica. Ele tonaliza articulações entre gênero, sexualidade e Educação em Ciências, além da visão colonial que exclui a diversidade racial e de gênero, oferecendo caminhos possíveis de pensamento e de práticas outras nas formas de narrar (e constituir) diferentes áreas da Educação em Ciências: Química, Física e Biologia, enriquecendo a produção da Educação em Ciências.

Observamos, assim, a importância de continuar promovendo espaços e eventos como o ENPEC, que incentivam reflexões, debates e a escuta entre professores/as, pesquisadores/as e licenciandos/as. Além disso, esses encontros são fundamentais para motivar a comunidade científica a produzir e divulgar conhecimento, ampliando a notoriedade de temas que têm enfrentado resistências.

Ao concluirmos este trabalho, consideramos que encontrar com as produções do XIV ENPEC implicou acompanhar e agenciar movimentos que vão transformando os modos de criar, narrar e pensar gêneros, sexualidades e relações étnico-raciais acionados na Educação em Ciências na tentativa de marcar as inúmeras camadas que tonalizam, constituem e produzem modos de conhecer as diferenças. Enlaçados nesse contexto, apostamos no fortalecimento das enunciações coletivas e ramificações políticas sensíveis às complexidades, tensões dos debates às re-existências críticas e inventivas nas paisagens de subjugação do gênero e da sexualidade nos contextos cotidianos, sobretudo, na Educação *das* Ciências.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente aos meus pais, em especial à minha mãe, por trabalharem incansavelmente para me proporcionar uma educação de qualidade.

Sou grato aos meus amigos da universidade por compartilharem comigo momentos icônicos, à Thaylla e Nathalia por ouvirem minhas frustrações, por estarem comigo nos melhores e nos piores momentos.

Quero agradecer às/aos professores/as que fizeram parte da minha trajetória. Todas/os serviram de inspiração, me motivaram a lutar pela valorização das/os docentes do nosso país.

Obrigado ao professor Sandro Prado Santos por aceitar o convite de me orientar e às professoras da banca que se dispuseram, gentilmente, a compartilhar a leitura e o diálogo com o meu trabalho.

À todas/os aqui mencionadas/os que estão colaborando para uma Educação em Ciências que pense na inclusão de pessoas LGBTQIAPN+ e nas questões sociais que permeiam nossas experimentações.

Um agradecimento especial às/aos que vieram antes de mim, que lutaram e deram a vida para tornar-nos respeitadas/os.

Referências

BUTLER, J. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. 13ª ed., Rio de Janeiro: Autêntica Editora, 2017.

BENTO, B. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. *Revista de Estudos Feministas*, v. 19, n.2, 2011, p. 549-559.

CARVALHO, Fabiana Aparecida de. Para além de “meninas vestem rosa, meninos vestem azul”: as conjunturas e as ideologias nos novos rumos da educação para os gêneros e as sexualidades. *Educação*, Santa Maria, v. 45, 2020, p. 1-30.

DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. Três novelas ou “O que se passou?”. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*, v.3. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34. 2012, p. 69-90.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13ª ed., Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense, 1995, p. 231-249.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica.

Revista Katál. Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 37-45, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rk/a/HSF5Ns7dkTNjQVpRyvhc8RR/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 31 de Outubro de 2024.

LOURO, Guacira Lopes. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. *Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores*, [S. l.], v. 3, n. 4, p. 62–70, 2018. Disponível em: <<https://www.revformacaodocente.com.br/index.php/rbpf/article/view/31>>. Acesso em: 31 de Outubro de 2024.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. 2ª ed. Rio de Janeiro: EPU, 2013.

MARÍN, Y. A. O.; NASCIMENTO, Carolina Cavalcanti. Para qual buraco branco vão as discussões sobre gênero e sexualidade no Ensino de Biologia? A branquitude em foco. In: GALIETA, Tatiana (Org.). *Temáticas sociocientíficas na formação de professores*. 1. ed. São Paulo: Livraria da Física, 2021, p. 153-168.

MISKOLCI, R. *Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças*. São Paulo: UNESP, 2012.

PRECIADO, P. B. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11-20, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2011000100002/18390>>. Acesso em: 31 de Outubro de 2024.

RANNIERY, T.; LEMOS, P. C. de. Gênero pode ser uma categoria útil para o ensino de Biologia? In: VILELA, M. L. et al. (Orgs.). *Aqui também tem currículo! Saberes em diálogo no ensino de biologia*. Curitiba: Editora Prismas. ISBN: 978-85- 537-0044-8. 2018, p. 65-86.

SANTOS, Sandro Prado. *Experiências de pessoas trans - ensino de Biologia*. 2018. 289 f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.

SANTOS, Sandro Prado. Corpos, gêneros e sexualidades nos territórios da Educação em Biologia: cartografias de disputas e de (re)existências. In: SANTOS, Sandro Prado.; FERREIRA, Gustavo Lopes.; VIGÁRIO, Ana Flávia (Orgs.). *(Bio)grafias: nós e entreténos na Educação em Ciências e Biologia*. Uberlândia: Culturatrix, 2021, p. 279-300.

SANTOS, Sandro Prado.; MARTINS, Matheus Moura.; SILVA, Fabrício Aparecido Gomes da Literatura, aberturas, variações com gêneros e sexualidades: manifesto por uma educação em biologia menor. *Linha Mestra*, n. 44, mai./ago. 2021, p. 321-331.

ZAGO, Luiz Felipe. Dobrando e desdobrando o gênero: por uma política de humanidade dos corpos. In: SANTOS, L. H. S. dos. et al (Orgs.). *Formação de professores/as em um mundo em transformação*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2014, p. 229- 244.

ANEXO

QUADRO 01: Trabalhos selecionados - XIV ENPEC (2023)

Revista
Diversidade
e Educação

IDENTIFICAÇÃO	TÍTULO	AUTORIAS	LINHA TEMÁTICA	PALAVRAS-CHAVE
1.	ENSINO DE CIÊNCIAS E O FEMINISMO EM PESQUISAS BRASILEIRAS: POSSÍVEIS INTERLOCUÇÕES	Rúbia Estefânia Pinto Da Silva; Jeane Cristina Gomes Rotta	LT 02 - Formação de Professores	Feminismo; Ensino de Ciências; Educação em Ciências; Cientistas
2.	ENSINO REMOTO EMERGENCIAL NA PANDEMIA DO COVID-19 E SEUS IMPACTOS NA EDUCAÇÃO SEXUAL	Gabrielli Grunzweig Goulart; Hederson Aparecido De Almeida; Bruna Larissa Ramalho Diniz	LT 02 - Formação de Professores	Sexualidade; Ensino de Ciências; Análise Textual Discursiva; Concepção Docente
3.	GÊNERO, SEXUALIDADE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES – UM DIÁLOGO TEÓRICO ENTRE PAULO FREIRE, MAURICE TARDIF E GUACIRA LOPES LOURO	Carla Karine Oliveira Martins; Keissy Carla Oliveira Martins; Vera de Mattos Machado	LT 02 - Formação de Professores	Formação de Professores; Gênero; Sexualidade
4.	ESTUDOS FEMINISTAS E A CRÍTICA AO ANDROCENTRISMO NA CIÊNCIA: CONTRIBUIÇÕES PARA EDUCAÇÃO CIENTÍFICA	Nathalia Pesamosca Zancan; Mariana Brasil Ramos	LT 03 - História, Filosofia e Sociologia da Ciência	Epistemologias Feministas; Crítica Feminista à Ciência; Mulheres na Ciência
5.	GÊNERO E HISTÓRIA DA CIÊNCIA: ARGUMENTOS DE ESTUDANTES DE QUÍMICA A RESPEITO DA PARTICIPAÇÃO DE MULHERES NAS CIÊNCIAS EXATAS	Belém Júrcia Violeta Macie, Amanda Oliveira Proença	LT 03 - História, Filosofia e Sociologia da Ciência	História da Ciência; Mulheres; Relação com o Saber; Argumentação.
6.	TRAJETÓRIA PESSOAL E CIENTÍFICA DE IRÈNE JOLIOT-CURIE PAUTADA EM ASPECTOS DE GÊNERO	Larissa Cabral Lima, Luciana Massi	LT 03 - História, Filosofia e Sociologia da Ciência	Mulheres na Ciência; História da Química; Irène Joliot-Curie; Radioatividade Artificial
7.	A REPRESENTAÇÃO DA MULHER CIENTISTA EM ANIMÉS	Aleilson Da Silva Rodrigues; Wilmo Ernesto Francisco Junior	LT 04 - Educação em Espaços não-formais e Divulgação Científica	Otaku; Anime; Circulação do Conhecimento Científico, Enculturação Científica
8.	DIÁLOGOS SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE EM UM CLUBE DE CIÊNCIAS ESCOLAR	Bianca Rossi Duque; Ana Paula Massadar Morel; Mariana Lima Vilela	LT 06 - Educação em Saúde e Educação em Ciências	Educação Sexual; Educação Popular em Saúde; Clubes de Ciências
9.	VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: ABORDAGENS NO ENSINO DE CIÊNCIAS	Sabrina Farias Rodrigues; Pauline Silveira Barros; Neila Seliane Pereira	LT 06 - Educação em Saúde e Educação em	Ensino de Ciências; Violência contra Mulheres; Temas

		Witt	Ciências	Transversais
10.	O PENSAMENTO DE MICHEL FOUCAULT: CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO DO ENSINO DE BIOLOGIA E DE CIÊNCIA NO COMBATE DA DISCRIMINAÇÃO CONTRA A HOMOSSEXUALIDADE	Maria Da Conceição Costa Melo	LT 07 - Linguagens e Discursos	Pensamento de Michel Foucault; Homossexualidade; Educação em Ensino de Biologia e de Ciências
11.	A “IDEOLOGIA DE GÊNERO” PELO OLHAR DOS/AS LEGISLADORES/AS: A RESISTÊNCIA EM NOMINAR A DIVERSIDADE E OS CAMINHOS PARA 2024	Deisi Noro; Vágner Peruzzo; Livia Crespi; Márcia Finimundi Nóbile	LT 09 - Diferença, Multiculturalismo e Interculturalidade	Educação; Legisladores/as; Gênero; Diversidade
12.	DA NORMA AO ANORMAL: APROXIMAÇÕES E TENSÕES SOBRE OS ESTUDOS QUEER PARA UM ENSINO DE CIÊNCIAS TRANSGRESSOR	Caio Gentil Nascimento Da Silva; Joaquim Fernando Mendes Da Silva; Marcos André Ferreira De Araujo Santos	LT 09 - Diferença, Multiculturalismo e Interculturalidade	Teoria Queer; Gênero; Masculinidades; Ensino de Ciências
13.	DE QUEM FALAMOS QUANDO FALAMOS EM MULHERES NAS CIÊNCIAS: UMA BREVE ANÁLISE NOS ÚLTIMOS ENPECS	Luiza Melo De Aguiar Lira; Bruno Andrade Pinto Monteiro; Marcius Vinicius Borges Silva	LT 09 - Diferença, Multiculturalismo e Interculturalidade	Mulheres nas Ciências; Interseccionalidade; Gênero
14.	DIREITOS HUMANOS, GÊNERO E ENSINO DE QUÍMICA: UM LEVANTAMENTO NOS ANAIS DO ENPEC (2015 - 2021)	Pedro Henrique Raposa Moreira; Natany Dayani De Souza Assai; Luis Rafael Rodrigues Dos Santos	LT 09 - Diferença, Multiculturalismo e Interculturalidade	Gênero; Direitos Humanos; Ensino de Química
15.	GÊNERO E SEXUALIDADE NAS AULAS DE CIÊNCIAS: EM ANÁLISE A NOÇÃO DOS DOCENTES ENTREMEDIA PELO CURRÍCULO DE CIÊNCIAS NO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	Jane Gabrielle Da Silva Moura; Danielle Dias Da Costa	LT 09 - Diferença, Multiculturalismo e Interculturalidade	Ensino de Ciências; Gênero; Sexualidade; Docente; Michel Foucault
16.	GÊNERO, SEXUALIDADE E LIVROS DIDÁTICOS: DESAFIOS E PISTAS POSSÍVEIS NA EDUCAÇÃO EM BIOLOGIA	Sandro Prado Santos; Matheus Moura Martins	LT 09 - Diferença, Multiculturalismo e Interculturalidade	Educação em Biologia Menor; Cartografia; Coleções Didáticas
17.	(IN)VISIBILIDADES DO TRABALHO DOCENTE DE MULHERES DO ENSINO SUPERIOR EM PESQUISAS DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E ENSINO DE CIÊNCIAS NA BAHIA (2008-2019)	Talamira Taita Rodrigues Brito; Elenita Pinheiro De Queiroz Silva	LT 09 - Diferença, Multiculturalismo e Interculturalidade	Mulheres; Gênero; Ensino Superior; Docência Universitária; Trabalho Docente

18.	JOANINHA: REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS NOS LIVROS INFANTIS	Paula Teixeira Araujo; Emerson Izidoro Dos Santos; Anna Cecília De Alencar Reis	LT 09 - Diferença, Multiculturalismo e Interculturalidade	Literatura Infantil; Educação em Ciências; Relações de Gênero; Representações Sociais; Ensino Fundamental
19.	MOVIMENTOS CONSERVADORES E O ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA: DESAFIOS AOS DEBATES SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADES NAS SALAS DE AULA	Julia Dionísio Cavalcante Da Silva; Sandra Lucia Escovedo Selles	LT 09 - Diferença, Multiculturalismo e Interculturalidade	Docência; Ciências e Biologia; Movimentos Conservadores; Gênero e Sexualidades
20.	O ENSINO DE GÊNERO E A PROMOÇÃO DO PENSAMENTO CRÍTICO	Marília De Sousa Machado; Ayane De Souza Paiva; Rosiléia Oliveira De Almeida	LT 09 - Diferença, Multiculturalismo e Interculturalidade	Crítica Feminista; Gênero; Pensamento Crítico
21.	PERCEPÇÕES DE FAMÍLIAS SOBRE ABORDAGENS ANTIRRACISTAS E DE DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO CIENTÍFICA DE ESTUDANTES NO ENSINO FUNDAMENTAL	Yonier Alexander Orozco Marin; Antonio Mauricio Fontinele De Freitas	LT 09 - Diferença, Multiculturalismo e Interculturalidade	Covid-19; Decolonialidade; Educação das Relações Étnico-Raciais; Ensino de Biologia; Sexualidade.
22.	PESQUISAS DE GÊNERO E FÍSICA NA UNIVERSIDADE: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO	Hellen Vanessa Da Silva Lopes; Bettina Heerd	LT 09 - Diferença, Multiculturalismo e Interculturalidade	Ensino de Física nas Universidades; Levantamento Bibliográfico; Gênero e Física
23.	PRESSUPOSTOS FEMINISTAS PARA UM ENSINO DE CIÊNCIAS VOLTADO A PROMOÇÃO DE EQUIDADE DE GÊNERO	Hemilly Cerqueira Souza	LT 09 - Diferença, Multiculturalismo e Interculturalidade	Epistemologias Feministas; Ensino de Ciências; Equidade de Gênero
24.	PROBLEMATIZAÇÕES DE GÊNERO E RAÇA EM OBRAS DE “PROJETOS DE VIDA” OFERTADAS AO ENSINO MÉDIO NA NOVA BNCC	Cintia Müller Leal; Rochele De Quadros Loguercio	LT 09 - Diferença, Multiculturalismo e Interculturalidade	Livro Didático; Marcadores Sociais da Diferença; Colonialidade; Ciências da Natureza
25.	QUESTÕES DE GÊNERO NO ENSINO DE FÍSICA: A FEMINILIDADE E A CIÊNCIA-TECNOLOGIA	Ana Paula Butzen Hendges; Rosemar Ayres Dos Santos	LT 09 - Diferença, Multiculturalismo e Interculturalidade	Mulheres; Ciência-Tecnologia; Ensino de Ciências
26.	REFLEXÕES SOBRE NATUREZA DA CIÊNCIA E GÊNERO A PARTIR DO TEMA HORMÔNIOS ESTEROIDES	Bruno Tavares	LT 09 - Diferença, Multiculturalismo e Interculturalidade	Ensino de Ciências; Ensino de Biologia; Hormônios Sexuais; Educação Sexual

27.	RELAÇÃO DE GÊNERO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS NO BRASIL	Maria Beatriz Dias Coutinho; Jeane Cristina Gomes Rotta	LT 09 - Diferença, Multiculturalismo e Interculturalidade	Formação de Professores; Gênero; Escola; Ciências
28.	SINERGIAS E ALERGIAS ENTRE O ENSINO DE QUÍMICA E A TEMÁTICA DE GÊNERO E SEXUALIDADE	Joice Hinkel; Mariana Brasil Ramos; Luciana Passos Sá	LT 09 - Diferença, Multiculturalismo e Interculturalidade	Educação Sexual; Gênero; Sexualidade; Ensino de Química; Pesquisa Bibliográfica
29.	TENSÕES E INTENÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE PARA UM ENSINO DE BIOLOGIA	Lara Casarim Leite; Felipe Bastos	LT 09 - Diferença, Multiculturalismo e Interculturalidade	Currículo; Educação em Biologia Menor; Ensino de Biologia; Gênero; Sexualidade
30.	SEXUALIDADES EM JOGO NO CURRÍCULO ESCOLAR	Narla Mota Junior; Ricardo Santos do Carmo	LT 10 - Processos, Recursos e Materiais Educativos	Currículo Escolar; Recurso Didático; Sexualidades
31.	INVESTIGANDO NARRATIVAS DE (E SOBRE) PESSOAS TRANS NA INTERNET: PRODUÇÃO DA VIDA NO CURRÍCULO ESCOLAR	Sareh Almeida Da Silva; Marcia Serra Ferreira	LT 11 - Políticas Educacionais e Currículo	Currículo; Gênero; Narrativas Trans; Subjetivação; Internet

Fonte: Anais do XIV ENPEC (2023)

Revista
Diversidade
e Educação